



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GISELE LIMA DE OLIVEIRA

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-465

Entrevistada: Gisele Lima de Oliveira

Nascimento: 01/08/1980

Local da entrevista: SOGIPA

Entrevistadores: Thales Collar e Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 13/09/2014

Transcrição: Thayná Lima Fagundes

Copidesque: Ivone Job

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 23 minutos e 3 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Influência da família; Visão do esporte no Estado; Identificação com o atletismo; Passagem por vários clubes; Experiência nos Estados Unidos; Campeonato Pan Americano; Participação nos Jogos Olímpicos; Lesão no joelho; Confederação Brasileira de Atletismo; Pós Olimpíadas; Marinha do Brasil; Incentivo ao esporte.

Porto Alegre, 13 de setembro de 2014. Entrevista com Gisele Lima de Oliveira a cargo das pesquisadoras Thales Collar e Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

T.C. – Ola Gisele, inicialmente eu gostaria de saber como foi sua inserção no esporte? Quando iniciou nesta modalidade, isto é, no atletismo?

G.O. – Eu comecei a treinar em 18 de fevereiro em 1992. O meu irmão fazia atletismo, aqui na SOGIPA¹, e ele começou a viajar pelo esporte. Foi para uma competição em São Paulo, então falei: “Hum.., interessante esse esporte, meu irmão está viajando, acho que eu quero viajar também!”. Eu comecei basicamente assim por incentivo dele e ele me motivou também a participar porque ele vinha para a SOGIPA, se divertia, viajava e falei: “Acho que eu quero fazer isso também”. Isso foi em 1992 e nesse mesmo ano começaram algumas competições pequenas, competições escolares que a SOGIPA promovia, um torneio da comunidade escolar. Comecei a me destacar em algumas provas, na escolinha, aqui na SOGIPA, logo em seguida eu já passei para a pré-equipe, e depois para a equipe por me destacar nas provas. Quem trazia para essas provas era na Escola São Francisco onde eu estudava, na zona norte de Porto Alegre.

T.C. – E qual a idade que tinhas?

G.O. – Onze anos e meio.

T.C. – E como era a situação do esporte no Estado?

G.O. – Olha, tinham mais praticantes no atletismo que hoje, só que não tinha incentivo nenhum, nenhum, nenhum, nenhum... Minhas primeiras sapatilhas foram meus pais que compraram. Para viajar a gente vendia rifa, entrava dentro de ônibus e falava assim: “Alguém quer comprar uma rifa para ajudar?” E saía vendendo rifa. Depois de um tempo no atletismo eu ganhei uma bolsa de estudos, era o incentivo maior que nós

¹ Sociedade Ginástica Porto Alegre.

tínhamos naquela época porque não tinha salário, não tinha nada, os pais eram os *patrocinadores*, era a bolsa de estudos. Apesar de eu estudar no São Francisco, que é uma escola particular, a minha família é de classe média baixa e meus pais sempre trabalharam muito para pagar a escola e tudo. O incentivo foi, realmente, essa bolsa no Colégio Americano² para eu e meu irmão. Na verdade eles queriam meu irmão no Colégio Americano, meu irmão fez falou assim: “Ah, será que não consigo? Eu venho se minha irmã vier junto.” Eu lembro que no primeiro ano eles ofereceram 100% da bolsa para o meu irmão e 75% para mim. Depois no segundo ano eu já estava com 100% de bolsa, mas foi um incentivo. O começo foi bem difícil em questão de material, a gente pegava sapatilha do pessoal que já tinha parado. Hoje em dia a gente ainda faz isso, o material que não usa mais deixa numa sacola para as crianças usarem. Eu usei muito sapatilhas emprestadas, meus pais tiveram que batalhar para comprar o equipamento, não tinha incentivo nenhum no começo. Bem difícil! [riso].

T.C. – E qual foi a modalidade que tu começou?

G.O. – Eu fazia de tudo. Eu fazia corrida de 100 metros, 100 metros com barreira, salto em distância e eu comecei a treinar com onze anos e meio. Com quatorze anos e fui campeã brasileira da categoria até dezesseis e campeã sul-americana da categoria até dezesseis. .. Salto em distância, foi a prova que eu me destaquei no começo, só que eu também fui várias vezes campeã estadual dos 100 metros, dos 100 metros com barreira, revezamento 4x100 metros, eu fazia [PALAVRA INAUDÍVEL]... Então, no começo eu fazia de tudo e como eu sempre falo: “No atletismo é a prova que escolhe a gente, não é a gente que escolhe a prova”. Tu põe a criança para fazer de tudo e vê a prova em que se destaca. No meu caso foi o salto em distância, porque não tinha o salto triplo. Na época, ainda nas categorias menores, salto triplo era uma prova muito nova. Ela começou, acho que a primeira foi na Olimpíada de 1996³, se eu não me engano. Então, na minha época, prova do salto triplo só a partir do juvenil aos dezessete anos, então a primeira a prova a me destacar foi o salto em distância.

² Colégio Metodista Americano.

³ Referência aos Jogos Olímpicos de 1996, realizados em Atlanta (EUA).

T.C. –E dentro da tua carreira, tem algum clube ou algo que tu gostarias de destacar e te deu incentivos além do colégio?

G.O. – Pois é, na carreira toda eu passei por três clubes, quatro clubes diferentes: a SOGIPA, eu fiquei até 2001. Não, desculpa, eu fiquei até 2005. Em 2001 eu fui para os Estados Unidos, fiz faculdade de Comércio Exterior na Faculdade de Clemson⁴, na Carolina do Sul, também com uma bolsa de estudos. Eles me chamaram para estudar e competir pela universidade. Então de 2001 a 2005 praticamente não competi no Brasil mas eu ainda era da SOGIPA, Em 2005, quando eu voltei, a SOGIPA estava com problemas financeiros e não podia pagar os atletas e eu cheguei naquela idade que ou tu trabalha para ganhar dinheiro ou tu treina e é remunerado, Eu com vinte cinco anos, não podia mais ficar dependendo do pai e da mãe, formada então, pior ainda!. Então fui para São Paulo, para BM&F⁵, onde eu fiquei por dois anos. Depois eu fui para Rede Atletismo, que foi uma equipe que durou apenas um ano... O dono da equipe resolveu acabar, aquilo era *hobbie* para ele, era um senhor milionário, dono da rede de energia do Sudeste para cima do Brasil. Tinha em praticamente quase todas as cidades, e atletismo era o *hobbie* dele, só que os filhos dele tinham problemas com drogas. Um filho morreu por causa das drogas, ele tinha pavor, então, o pessoal teve problema de *doping*, ele mandou todo mundo embora e acabou com a equipe. Daí quando a gente saiu da Rede e foi muito difícil, porque no Brasil são poucas equipes de atletismo e como a gente tinha saído da BM&F a gente não podia voltar pra BM&F, então, eu fui para uma outra equipe que é o Camp Unimed⁶. Competi um ano pelo Camp voltei para a SOGIPA. Agora sim com o projeto olímpico da SOGIPA tendo patrocínios, e hoje a SOGIPA é o clube que me ajuda, que tem a melhor estrutura dos clubes que eu já passei.

C.M. – Quando você voltou para a SOGIPA?

G.O. – Eu voltei em 2010.

⁴ Clemson University.

⁵ Clube de Atletismo da BM&FBOVESPA.

C.M. – Lá na universidade, nos Estados Unidos, você foi com bolsa?

G.O. – Com bolsa de estudos integral pelo esporte, a única despesa que eu tinha era com as passagens, eu usava para pagar as passagens, tinha todo resto desde os livros, da alimentação, moradia, o material esportivo, tudo. A gente não era acostumado... Eu cheguei lá no primeiro dia me mostraram: “Ó, esse aqui é o vestiário feminino, esse aqui é o teu armário, essas roupas são tuas”. Nossa! Eu nunca tinha tido aquilo na vida. Daí eu falei: “Mas, eu posso levar para a casa?” “Pode, é teu.” “Mas tem certeza? Não tem que ficar aqui?” “Não, tu podes levar para casa, andar no campus com ela.” “Tem certeza?” Aqui não tem essa cultura, não estava acostumada com isso no Brasil, então, foi uma mudança bem radical mas, foi excelente! Foi uma das melhores experiências que eu tive na minha vida, foi essa de morar sozinha nos Estados Unidos e fazer faculdade.

T.C. – Foi sozinha ou foi com mais alguém?

G.O. – Fui sozinha. Tinha uma brasileira lá que eu já conhecia, mas eu evitava andar com ela porque tu acaba ficando com vergonha de falar inglês. Na primeira semana, por exemplo, eu não falei, eu só dizia: “Eu quero comer tal coisa.” E ela pedia para mim e daí tu acaba não aprendendo nada. Eu evitava um pouco andar com ela, só me encontrava com ela finais de semana e nos treinos que ela também era atleta, mas para eu praticar mais o inglês.

T.C. – E tu teve alguma dificuldade na carreira por ter retornado, talvez no início do Rio Grande do Sul?

G.O. – Não, até que não, até 2001 que eu fiquei direto no Rio Grande do Sul. Como eu falei, a SOGIPA tem uma das melhores estruturas, treinadores excelentes, todo o centro médico, todo o suporte que nós precisamos. A gente só não tinha a questão financeira mesmo. Com uma ajuda financeira eu viajava para o Troféu Brasil. Nesse período que

⁶ Nome sujeito a confirmação.

eu estava na SOGIPA eu fui várias vezes campeã brasileira nas categorias menores: juvenil, campeã sul-americana, então, todas as viagens, tudo eu conseguia pela Confederação Brasileira⁷. No adulto, também, meu último ano na SOGIPA eu fui vice-campeã brasileira adulto tanto no salto à distância quanto no salto triplo. Eu tive muita dificuldade depois quando tu atinge uma qualidade em que ou tu trabalha ou tu treina. Eu tive que sair porque eles não tinham o suporte financeiro para dar, mas todo o outro suporte, sem ser o financeiro não tive nenhum problema.

T.C. – Em alguns esportes tem muito preconceito por ser mulher. Tu sentiu algum preconceito, alguma dificuldade?

G.O. – Não, não tive nenhum problema.

T.C. – Sobre a tua carreira, antes dos Jogos Olímpicos, tu tem mais alguma coisa que queira destacar, algo queira contar?

G.O. – Eu fui para os Jogos Olímpicos de 2008. Em 2007 teria o Pan-Americano no Rio de Janeiro. Em 2005 eu fui para São Paulo e comecei a temporada com muitas dores no joelho. Eu treinava um dia sim, dois não. Era um dia de treino e inchava o joelho. Dois dias para desinchar e treinar de novo, daí eu fui ao médico e nós descobrimos que eu não tinha mais a cartilagem do joelho e uma parte do menisco, estava rompido. Então tive que tomar uma decisão, porque o Pan-Americano do Rio de Janeiro foi o mais fácil de ir porque não precisava de índice. Como era no Brasil, os dois primeiros do *ranking* iam e desde 2001 eu estava sempre entre as duas primeiras do *ranking* brasileiro, então era só me manter naquela posição. Só que eu não conseguia treinar, então o médico resolveu me operar. Ele falou assim: “Gisele, eu sei que é um ano de Pan-Americano, e um Pan-Americano no Brasil, só que tu não está conseguindo treinar. Essa lesão é muito séria, a gente vai ter que operar.” Eu operei o joelho em janeiro de 2007 e retornei aos treinamentos somente em setembro daquele ano porque essa cirurgia é muito complicada, tinha que limpar, tirar toda a cartilagem.

⁷ Confederação Brasileira de Atletismo.

Eu fiquei um mês e meio sem colocar o pé no chão, andando de muleta, tive uma dificuldade imensa para retornar ao treinamento porque eu tinha perdido toda a musculatura e foi muito difícil. Esse médico, que era da Confederação Brasileira, ele é um médico excelente, só que ele mostrou na junta de médicos os exames e falou que eu fazia salto triplo. Todos os médicos olharam e falaram assim: “Nunca mais ela vai ser atleta!”. Ele falou isso para mim: “Olha, Gisele, ninguém acredita que tu vais voltar, muito menos fazer salto triplo.” Eu falei: “Mas, eu acredito, doutor!”. Ele falou: “Contanto que tu acredite eu também acredito”. O fisioterapeuta também acreditou, ele abraçou a causa, passava oito horas fazendo fisioterapia, eu ficava direto. Então, eu voltei em setembro de 2007, voltei a correr na pista, mas correr assim, como uma pessoa sedentária corre e, em março de 2008, eu estava fazendo índice para a Olimpíada. Esse foi o maior obstáculo, tem gente que fala que é o poio financeiro, mas acho que essa lesão, principalmente o tipo de lesão, foi o maior obstáculo até eu chegar na Olimpíada. Assim, a classificação para a Olimpíada teve um gosto muito melhor porque ninguém acreditava que eu voltaria a saltar, ainda mais salto triplo, com a lesão que eu tinha, e estou saltando até hoje! Está certo que meu joelho não é mais o mesmo, eu ainda sinto dores diariamente, mas voltei a saltar.

T.C. – Tua participação veio pelo índice no Pan-Americano?

G.O. – Não, não competi no Pan-Americano, o Pan-Americano foi em 2007, eu não consegui competir, só 2008 eu competi.

C.M. – Em qual competição tu conseguiu?

G.O. – Foi um torneio da Federação Paulista de Atletismo. É um torneio que eles fazem para o pessoal, não é nenhuma competição importante, eles fazem mais para os índices das competições.

T.C. – Como foi a tua participação nos Jogos Olímpicos?

G.O. – Bom, mais um drama [RISOS], e agora? Nós ficamos, acho que, uns vinte dias em Macau para ir para aos Jogos Olímpicos. A viagem foi longa, via Canadá, cansativa e nós ficamos em Macau, na primeira semana de treinamentos. Eu rompi o tendão, a inserção do tendão com a musculatura do calcâneo de Aquiles, e daí esse mesmo médico estava nos acompanhando e ele falou assim: “Gisele, o pessoal quer te cortar da delegação, mas depois de tudo que tu passou, da cirurgia, ter se classificado, eu não vou deixar te mandarem embora. A gente vai fazer um exame e eu vou dizer que tu está recuperada.” Então eu não treinei até os Jogos Olímpicos, fiquei fazendo fisioterapia para tentar recuperar, e até que a marca não foi tão ruim, saltei treze metros e oitenta e três centímetros. Fiquei na vigésima terceira colocação, e fiquei muito feliz de ter participado dos Jogos. Fiquei muito feliz, é tudo diferente, chegar na Vila Olímpica, detector de metal, gente de todos os países entrando, cada sensação é única, é diferente de tudo, tu pode ter ido para campeonato mundial, tu pode ter ido para Copa do Mundo, qualquer outra competição é muito diferente. Então eu agradeço por ele não ter me cortado da seleção, por eu ter conseguido competir. Claro que o resultado não foi exatamente o que eu queria, eu gostaria de ter saltado melhor, mas nas condições em que eu estava acho que foi excelente. Tinham, não sei exatamente quantas meninas, mas eu fiquei em vigésimo terceiro, não fui a última colocada [RISOS]. Então foi excelente a participação, estar lá, ver pessoas que via só pela televisão. Por exemplo, os atletas que tu sempre admirou, jantar ao lado no Michael Felps, tu olha assim: “Ah, o Felps está jantando, que legal!” É muito legal, muito legal, foi uma experiência única. Espero que se repita no Rio de Janeiro [RISO], mas foi excelente assim, a experiência toda é diferente, é muito diferente.

T.C. – Terias mais alguma coisa que queira destacar, o que aconteceu nos Jogos...?

G.O. – Olha, eu fiquei impressionada com a organização. É muito diferente, as competições... Eles são muito organizados, te dão toda a estrutura que tu precisa, é muito diferente. Eles lidam com muitas atletas. Esse é um lado muito positivo, te sente privilegiado de estar lá e eles trabalham [PALAVRA INAUDÍVEL]... Só está aqui porque vocês estão aqui, e na Confederação não é assim. Na Confederação é bem

diferente. Te sente especial de estar lá, eles fazem com que tu te sintas especial, desde a entrega de material, a convivência. Esse é um fato muito legal.

C.M. – A equipe de atletismo teve algum patrocínio além da Confederação e do Comitê Olímpico Brasileiro?

G.O. – A Confederação Brasileira tu diz?

C.M. – É, a equipe para os Jogos Olímpicos, vocês foram com algum patrocínio de empresas?

G.O. – Não, na verdade a Confederação tem patrocínio da Caixa Econômica Federal há muito tempo e é o patrocinador maior da Confederação. Algumas coisas vão para os atletas, mas a maioria é para projetos da Confederação mesmo.

C.M. – Na época dos Jogos você estava do BM&F?

G.O. – Estava na BM&F treinando com o Nélio Moura, treinador da Maurren Maggi.

T.C. – Foste a mais de uma edição dos Jogos Olímpicos?

G.O. – Não, só Pequim. Para Londres não consegui me classificar... Então, agora espero repetir a dose no Rio de Janeiro⁸ [RISOS].

T.C. – Algo negativo que aconteceu durante os Jogos que você queira destacar?

G.O. – Bom, a única coisa é que eu gostaria de ter ficado mais nos Jogos Olímpicos. Funciona assim: o atleta chega com antecedência, compete, fica dois dias e vai embora porque eles alugam os prédios para os atletas ficarem e daí vão chegando os de outros

⁸ Referência aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

esportes. Então a gente não acompanhou a abertura porque nós estávamos em Macau, nem o encerramento. A gente não pode acompanhar muitas coisas durante os Jogos. Eu queria muito ter ido na ginástica olímpica, que é um esporte que eu acho lindo, queria muito ter visto o vôlei, não consegui. Primeiro porque é difícil conseguir os ingressos e outra porque tu tem que vir embora. Isso é que eu queria ter vivido mais lá porque a gente batalha tanto para estar nos Jogos, é uma vida de treinamentos, são poucos atletas que conseguem ir. Eu queria ter vivido um pouco mais daquela experiência e ter saltado melhor. Claro, o ano em que eu fui aos Jogos, o salto triplo foi a prova mais forte de todos os tempos dos Jogos, então, eu sabia que uma final eu não conseguiria. Mesmo assim queria ter ido um pouco melhor e ter conseguido melhorar o resultado, mas a experiência foi excelente.

T.C. – E durante a tua participação nos Jogos Olímpicos tem mais alguma coisa que querias destacar?

G.O. – Não, acho que dos Jogos é isso.

T.C. – E a tua carreira pós Jogos? Qual a repercussão da participação dos Jogos Olímpicos na sua carreira?

G.O. – Ah! Foi bem legal sim. O reconhecimento por ter participado dos Jogos Olímpicos foi uma coisa muito legal, muito interessante. Foi o que me ajudou a retornar para a SOGIPA, retornar a morar no Rio Grande do Sul, por ter sido uma atleta olímpica ter um reconhecimento maior. Assim, eles conseguiam ter mais patrocínio para a SOGIPA para trazer os atletas que eram da SOGIPA de volta e que tiveram que sair por algum motivo. Esse reconhecimento e a experiência faz com que tu veja as competições de outra maneira. Depois dos Jogos Olímpicos eu fui finalista no Campeonato Mundial em 2009 em Berlim, então acho que essa experiência de ter participado dos Jogos me ajudou muito. Quando tu chega nos Jogos Olímpicos, estádio lotado, coisa que não se vê no Brasil, está acostumado a competir no Brasil, até em algumas competições na Europa tão cheias, mas não daquele jeito assim. Aquilo arrepia, te deixa mais ansiosa. Quando eu cheguei em Berlim, mesmo com o estádio

lotado eu já tinha aquela experiência, e isso me ajudou muito na carreira. Ter conseguido participar da Olimpíada me ajudou muito a conseguir novos patrocinadores também. Hoje eu sou atleta, além da SOGIPA, sou atleta da Marinha do Brasil, sou militar sargento da Marinha pelo Projeto Olímpico da Marinha. O fato de ter participado de Olimpíada e o fato de ter resultados excelentes que vieram pós Olimpíadas também me abriram outras portas e isso é muito importante.

C.M. – Quando você entrou para a Marinha?

G.O. – Eu entrei na Marinha em março de 2010. Eu estava no Campeonato Mundial⁹, em Doha... Lá eu fiquei em décima colocada. Daí logo em seguida que eu voltei de lá, já fui fazer o treinamento militar e estou na Marinha até hoje.

T.C. – Teve mais alguma coisa que a gente não perguntou que tu queria contar? Essa questão dos Jogos, antes dos Jogos?

C.M. – Você acha, por exemplo, que depois que você pontuou, o esporte aqui no Rio Grande do Sul, o atletismo teve um impulso maior, assim, de incentivar as pessoas, fazer o esporte ser mais reconhecido?

G.O. – Ah, eu acho que sim! Acho que sempre é importante. Logo que voltei dos Jogos olímpicos, houve um crescimento nas escolinhas. A Martina¹⁰ que é treinadora da escolinha sempre fala: “Aquela ali é a Gisele, nossa atleta olímpica, ela estudou, ela teve boas notas.” Toda a coisa que envolve atleta olímpica teve um impulso maior e também aumento de patrocinadores. A gente conseguiu outras coisas, ofereciam outras coisas para a gurizada que estava começando, e daí eu acho que teve um incentivo maior. Mas, acho que é isso. Só queria mencionar os treinadores da minha carreira: treinei com o Arataca muito tempo, o José Haroldo Loureiro Gomes. O Jorge Teixeira¹¹ que foi atleta olímpico da SOGIPA no salto triplo, também me treinou por

⁹ Campeonato Mundial de Atletismo, realizado em Doha (Qatar) em 2010.

¹⁰ Martina Kroll Lindemayer.

¹¹ Jorge Luiz Teixeira da Silva.

algum tempo; treinei com o Nélio Moura, lá em São Paulo, e hoje eu treino com meu noivo que é o Felipe Siqueira. Então, eu queria mencionar esses profissionais que trabalharam comigo e dizer que os clubes são fundamentais para o desenvolvimento. A SOGIPA me ajudou muito. A BM&F me ajudou muito, e isso foi essencial para eu conseguir os resultados que consegui e também queria dizer que eu nunca deixei de estudar. Tem muita gente que fala assim: “Ah! eu sou atleta, eu só vou treinar”. Fiz a faculdade nos Estados Unidos, depois a faculdade de logística aqui e estou pensando em fazer outro curso para não parar no tempo porque a vida de atleta é curta. A gente sabe que qualquer lesão pode tirar o atleta da pista, da quadra, de onde for então, sempre me preparei também fora das pistas para conseguir tocar a vida depois [RISO].

C.M. – Gisele, muitíssimo obrigada. Em nome do Centro de Memória do Esporte te agradecemos. Esse projeto está sendo muito importante porque estamos entrevistando pessoas que participaram dos Jogos olímpicos. Para nós é uma oportunidade de conhecermos mais o campo, de poder estudar, visibilizar algumas ações, que às vezes nem todo mundo conhece, nem todo mundo sabe da dificuldade que é ser atleta, de toda a batalha, as lesões, a falta de patrocínio e vocês trazem felicidade para a vida das pessoas, então, te agradecemos muito.

G.O. – Eu que agradeço vocês por estarem realizando esse trabalho, de divulgar nosso trabalho, então muito obrigada a vocês por essa entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]